A fidelidade de Guilherme Parente à pintura, situa-se para além do óbvio recurso aos processos usuais dos óleos, das aguarelas, ou das colagens sobre um suporte plano; para além da desenvolta marca do gesto, da densa afirmação da matéria, do exaltado diálogo das cores; para além até da prevalência da matéria pictórica sobre a descrição, da sugestiva reversibilidade entre mancha e figuração. Acima de tudo, essa fidelidade afirma-se no modo como a pintura lhe serve de notação, de registo, ou seja, no transformar em pintura o que vê e ouve, o que vive ou efabula.

Os elementos figurativos pairam, mais do que pousam sobre o fundo, indiferentes à escala, à profundidade, numa narrativa mais centrada na escolha de vocábulos portadores de sentido que numa rígida articulação sintáctica. As coisas relacionam-se livremente como ideias que correm, ou histórias sem princípio nem fim, ou acontecimentos desligados mas concomitantes.

Podiam ser paisagens, há por vezes arquitecturas, árvores, essas coisas que descrevem um lugar. Não estão, no entanto, enraizadas, antes agarram atmosferas e deixam fugir o horizonte mesmo que ele lá esteja. Há prováveis e improváveis construções, silhuetas impondo-se pela verticalidade e pela cor, apenas subtilmente sugeridas, grandes massas de torres ou rochas ou indefinidas coisas intransponíveis que se nos apresentam pela frente. São verticalidades fortes e frágeis que se confrontam, uma geometria subjacente que estrutura sem prender, uma paleta aberta, uma luz deslumbrante, a difícil proeza de incluir até flores ou borboletas ou dourados sem deslizar para o cliché.

 Estamos perante uma pintura que cumpre assim plenamente a definição de Delacroix: o primeiro dever de um quadro é o de ser uma festa para o olhar.

Mas uma festa a que poderemos sempre voltar.

Professora Doutora

 Isabel Santa Clara

Outubro 2007